

Manuscritos do Século XVIII sobre o português em Timor¹

18th Century Manuscripts on Portuguese in Timor

Davi Borges de Albuquerque
Universidade de Brasília, Brasil
albuquerque00@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar traços históricos e linguísticos em documentos de origem holandesa, que datam do início do século XVIII, existentes sobre a língua portuguesa na ilha de Timor. Estes documentos estão localizados no *Arsip Nasional* (ANRI) ‘Arquivo Nacional’ em Jakarta, Indonésia, e no *Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde* (KITLV) ‘Instituto Real Holandês de Estudos do Sudeste Asiático e Caribe’ em Leiden, Holanda. Os documentos holandeses não foram escolhidos de maneira aleatória, a justificativa para a escolha está baseada na escassez de análises existentes sobre essas fontes históricas, quando comparadas à documentação portuguesa, que vem sendo extensamente estudada desde o século XIX por historiadores portugueses e, em menor extensão, por filólogos também de origem portuguesa. Os documentos localizados no arquivo indonésio, que serão o objeto da análise, datam da primeira metade do século XVIII, período no qual ocorreu grande migração lusófona para a ilha de Timor. Já os documentos localizados na Holanda datam do início do século XVIII e serão usados somente para reiterar a análise efetuada, como evidências adicionais. Assim, em (2), serão apontadas as principais características descritas para a variedade da língua portuguesa falada atualmente em Timor-Leste, conhecida como

¹Agradeço a Hans Hägerdal pelas valiosas informações históricas e pelos documentos fornecidos, sem os quais não seria possível a realização do presente trabalho. Os erros que por ventura permaneceram são de minha inteira responsabilidade.

Português de Timor-Leste (PTL), e, em (3), o corpus textual já mencionado será analisado, buscando informações históricas e evidências linguísticas que possam contribuir para um melhor entendimento da origem, formação e desenvolvimento do que hoje veio a ser tornar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste. Finalmente, em (4), estão as considerações finais a respeito da análise efetuada.

Palavras-chave: Filologia portuguesa, Timor-Leste, manuscritos holandeses, século XVIII.

Abstract: The present paper analyzes historical features and linguistic evidences on Dutch documents dating from the beginning of the 18th century about the Portuguese language in Timor. These documents are located at the Arsip Nasional (ANRI ‘National Archive’) in Jakarta, Indonesia, and at the *Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde* (KITLV ‘Royal Netherlands Institute of Southeast Asian and Caribbean Studies’) in Leiden, Netherlands. The choice to analyze the Dutch documents was not random due to the fact that these documents are understudied until now. By its turn, the Portuguese documentation about Timor is well studied by Portuguese historians and philologists since the 19th century. The documents located in Indonesia date from the 18th century and are the main source of this study, while the documents from Netherlands date from the 17th century and were only used to confirm the present analysis as additional evidences. Thus, in (2), the main features of Portuguese spoken in Timor-Leste will be pointed out. In (3), the corpus will be analyzed searching for historical information and linguistic evidences which may contribute to a better knowledge on the origin, formation and development of the Portuguese variety spoken in Timor-Leste. Finally, in (4), there are the final remarks about the analysis done on the paper.

Keywords: Portuguese philology, Timor-Leste, Dutch manuscripts, 18th century.

1 INTRODUÇÃO

Os portugueses chegaram à ilha de Timor pela primeira vez no ano de 1515 por meio de uma armada enviada por Afonso de Albuquerque, sendo

tal informação encontrada em diferentes fontes históricas (Figueiredo, 2004: 113). Porém, Timor permaneceu como um interesse secundário aos objetivos comerciais portugueses, já que o colonizador europeu se instalou em diversas localidades próximas, como Solor e Flores, e, ainda, teve como base principal Malaca.

O cenário mencionado acima veio a se modificar somente no início do século XVIII, em 1702, quando uma capital foi fundada em Timor diretamente de Macau (Boxer, 1947: 9). Esta capital, chamada de Lifau, que corresponde ao atual enclave de Oecussi, em Timor-Leste, foi fundada como uma espécie de reação à presença holandesa na ilha, desde 1652, e também como uma forma de represália a duas famílias de Larantuka, Flores, que ganharam grande poder e apresentavam resistência à coroa portuguesa, são elas as famílias da Costa e Hornay (Hägerdal, 2012: 138). Porém, os portugueses não resistiram aos ataques consecutivos a suas instalações nesta nova capital, Lifau, e, em 1769, após três anos seguidos de uma rebelião incessante, abandonaram Lifau, partindo para o lado leste da ilha para fundar a nova capital, Dili, neste mesmo ano (Oliveira, 1948: 202).

Digno de nota é que a presença efetiva de portugueses era reduzida, na ocasião da mudança da capital de Lifau para Dili, em outubro de 1769, do total de uma população de 1200, somente 15 eram portugueses (Boxer, 1947: 16). Este número permaneceu relativamente estável durante os séculos seguintes, já que em Sá (1961: 215) há a reprodução de um documento do século XIX que registra o número de 20, e Thomaz (1976) afirma o mesmo, com a população de portuguesa de origem europeia em Timor durante esse período sendo de aproximadamente 20, alcançando o número de cerca de 100 no início do século XX. Ainda, a maior parte da população que fundou as duas capitais, tanto Lifau, quanto Dili, era da classe de *moradores*² originários de Sika, outra vila também localizada na ilha de Flores, assim como Larantuka, além de *mestiços*³ portugueses de Malaca e Macau. Desta maneira, o número reduzido de falantes de português como L1, juntamente com o grande fluxo populacional de Sika e Larantuka falantes de línguas locais e/ou de variedades reestruturadas da língua portuguesa foram os fatores que mais contribuíram para a formação

²Os *moradores* consistiam em uma classe importante da ocupação portuguesa na Ásia, já que se tratava de milícias nativas que apoiavam os portugueses e em troca de seus serviços eram isentos dos impostos.

³A classe dos *mestiços* consistia em filhos de portugueses com mulheres nativas e, assim como os *moradores*, tiveram papel fundamental na colonização portuguesa na Ásia.

de um crioulo português em Timor, chamado de Crioulo Português de Bidau (Baxter, 1990), sendo Bidau um bairro da periferia de Dili, onde se acredita que esta variedade crioula teve origem.

Diante do complexo quadro descrito anteriormente, Albuquerque (2012b) tenta apontar a origem da variedade da língua portuguesa falada atualmente em Timor-Leste, conhecida somente como Português de Timor-Leste (doravante PTL), datando de 1702, período em que os falantes de português se instalaram na ilha, e tendo como input para sua formação as diferentes variedades de português que chegaram com os diversos falantes: as variedades do Português de Flores, os crioulos portugueses de Malaca e Macau, e variedades de Português L2 de falantes asiáticos em geral. No entanto, os estudos linguísticos sobre o PTL ainda estão em estágio inicial e poucas foram as evidências encontradas pelo autor a respeito da datação e possível origem do PTL.

O presente artigo tem como objetivo analisar traços históricos e linguísticos em documentos de origem holandesa, que datam do início do século XVIII, existentes sobre a língua portuguesa na ilha de Timor. Os documentos manuscritos redigidos em português e estudados neste artigo pertencem a dois arquivos diferentes, localizados na Indonésia e na Holanda, conforme será mais detalhado na seção (3) que discorrerá sobre o corpus utilizado aqui. Deve-se enfatizar também que a escolha dos documentos holandeses não foi aleatória, a justificativa para tal se baseia na escassez de análises existentes sobre essas fontes históricas específicas, quando comparadas à documentação portuguesa, que vem sendo extensamente estudada desde o século XIX, com vários estudos publicados, entre eles: Castro (1867), Leitão (1948, 1952), Oliveira (1948, 1953), Sá (1949, 1956, 1958), Matos (1974), Oliveira Matos (2001), Figueiredo (2004), Serrão e Marques (2006). Já a documentação holandesa veio a ser estudada somente no início deste século⁴, destacando-se até o momento somente duas publicações mais recentes: Roever (2002), que realizou um estudo exaustivo da história de Timor no século XVII, e Hägerdal (2012), que se concentra nos conflitos e adaptações dos povos nativos nos dois primeiros séculos de colonização em Timor. Assim, em (2), serão apontadas as principais características descritas para o PTL atualmente, e em (3) o corpus textual será analisado, buscando informações históricas e evidências linguísticas que possam contribuir para um melhor entendimento da origem, formação e desenvolvimento do que hoje veio a ser tornar a variedade da língua portuguesa falada em Timor-Leste. Finalmente, em (4), estão as considerações finais a respeito da análise efetuada.

⁴Hägerdal (2012: 8) faz um levantamento de alguns estudos do século XIX sobre estes documentos holandeses, considerando alguns deles úteis para a pesquisa. Porém, o presente autor considera as análises apresentadas pelos autores um tanto eurocêntricas, estando o valor destes estudos somente na publicação de algumas fontes históricas valiosas.

2 A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR

Os estudos sobre a língua portuguesa em Timor são escassos e seu início data do primeiro ano do século XX, com a publicação da obra *Esquisse d'une dialectologie portugaise* de José Leite de Vasconcelos, em 1901. Em seu livro, Vasconcelos (1970 [1901]: 184) afirma não existir uma variedade crioula em Timor, havendo somente uma variedade do português que se caracterizava com a presença de vocábulos da língua franca de Timor-Leste, a saber: Tetun Prasa (grafias alternativas: *Tétum- Praça* ou *Tetum Prasa*). Porém, muitos autores falharam em diferenciar o PTL do Crioulo Português de Bidau (CPB).

Somente anos mais tarde, em Thomaz (1974, 1985), é que a distinção entre o PTL e o CPB foi elaborada. Baxter (1990) permanece como o único estudo exaustivo do CPB, enquanto o PTL não possui nenhum estudo dessa natureza. Em Baxter (1996), há um panorama do PTL, que foi expandido mais tarde em Albuquerque (2011a). Ainda, em Carvalho (2001, 2002/2003) há diferentes estudos do léxico PTL, assim como em Albuquerque (2011b, 2012c), já em Thomaz (2002) há uma compilação dos estudos do autor sobre o PTL, e Albuquerque (2010, 2012a) realizou um estudo prosódico do PTL e elaborou um esboço morfossintático a respeito desta variedade do português, respectivamente.

As peculiaridades do PTL, descritas pelos autores citados anteriormente, podem ser resumidas da seguinte maneira, de acordo com os níveis de análise que serão apresentados separadamente abaixo.

No nível fonético-fonológico o PTL se caracteriza por:

- As consoantes palatais sofrem variação, sendo muitas vezes realizados seus correlatos ou consoantes levemente palatalizadas. Ainda, a palatal fricativa ζ apresenta grande variação com uma série de segmentos distintos (4), o que pode ser interpretado como exposição a diferentes *inputs* no decorrer da formação do PTL:

- (1) $f > s, s^j$
chegar [se.'ga.a] ~ ['sʲe.ga]; *chá* [sʲa]; *bicho* ['bi.su];
- (2) $\lambda > \lambda, l, l^j$ *velho* ['ve.lʲu] ~ ['be.liɔ]; *olho* ['o.liu] ~ ['oi.lu]; *espelho* [es.'pe.lu] ~ [es.'pe.liu];
- (3) $\eta > \eta, n, n^j$ *vinho* ['bi.niu] ~ ['vi.nʲu]; *rascunho* [ras.'ku.niu] ~ [ras.'ku.nʲu]; *bonitinho* [bo.ni.'ti.iu] ~ [bo.ni.'ti.nʲu];

- (4) $\zeta > \zeta$, z , $d\zeta$, d^j , d *ajuda* [a.'zu.da] ~ [a.'dʒu.da]; *João* [ʒ'ju.an] ~ [ʒu.an];
já [z'ja] ~ [dʒa] ~ [da]; *hoje* [o.ze] ~ [o.dʒi].

- Há também no PTL uma série de restrições métricas que acabam por realizar apagamento silábico, em vocábulos proparoxítonos e paroxítonos, ou acrescentar segmentos à sílaba, em vocábulos oxítonos. Estas operações fonéticas ocorrem por uma série de fatores métricos, como: a presença de troqueu silábico, o princípio de extrametricidade, o peso silábico, e a adaptação à acentuação predominante do PTL, que é na penúltima sílaba⁵. Os exemplos abaixo ilustram alguns dos fenômenos apontados:

- (5) *alicate* > [al.'ka.ti], *telefone* > ['tel.fon], *chave de fenda* > [xa.'fen.da],
correr > corre [kɔ.re], *fumar* > *fuma* [fu.ma], *casar* > *casa* [ka.za] ~
 [ka.'za.ar], *dormir* > *dormi* [dɔr.mi], *distrital* > [dis.tri.'ta.al], *animal*
 > [a.ni.'ma.al], *doutor* > [do.'tɔ.ɔr], *senhor* > [se.'nɔ.ɔr].

Os seguintes traços morfossintáticos do PTL se destacam:

- Concordância de gênero e número variáveis: o PTL apresenta concordância de gênero e número variáveis dentro do SN, com a tendência de ser marcado o primeiro elemento do SN, geralmente o determinante, assim como em variedades reestruturadas do português e em variedades crioulas:
- (6) **Muito pessoas** que não pode fala português.
- (7) **Os cidadão português** é também vivem em timor para ajudar **os professor**.
- Redução do paradigma verbal, com a predominância do emprego do verbo na 3ª pessoa do singular e do lexema *já*, gramaticalizado, como marcador de tempo passado e aspecto perfectivo:

⁵Os conceitos de peso e troqueu silábicos e extrametricidade são usados aqui de acordo com a teoria da fonologia métrica. Peso silábico consiste no número de elementos que compõem a unidade sonora da mora, podendo torná-la mais pesada e, em alguns casos, afetando o ritmo e a acentuação da língua. O troqueu silábico é um padrão acentual insensível ao peso silábico e com núcleo do constituinte à esquerda (Goldsmith, 1990). Extrametricidade foi um conceito desenvolvido por Hayes (1980, 1982) para a fonologia métrica que serve para explicar acentos que recaem de maneira divergente do padrão acentual previsto para a língua.

- (8) Agora colega pode sai.
(9) Ele za sega muito sedu.

- Emprego variável da cópula, com o ambiente sintático influenciando a presença ou ausência do uso. Assim, a classe gramatical do elemento posterior à cópula é decisiva em seu emprego ou não. As classes que desfavorecem o uso da cópula são advérbio e verbo:

- (10) Eu também (é) muito contente
(11) A língua português é uma língua que (é) mais importante Timor

- Mudança da ordem canônica do português padrão [determinante-determinado] para [determinado-determinante] em construções com demonstrativos:

- (12) A língua portuguesa em Timor-Leste ligado com a CPLP para-dar informações sobre as acontecimentos e **as actividades este**.

Já no nível léxico-semântico o PTL possui as características abaixo:

- Presença de léxico das línguas nativas: o PTL apresenta empréstimos da língua Tétun, que é a língua franca e língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, exatamente pelo fato de ser a língua mais falada no país, há uma série de empréstimos tetumófonos, como: *tais* ‘pano tradicional, ou vestimenta feita com este pano’, *liurai* ‘rei, chefe’, *suco* ‘divisão nativa de pequenos territórios, vila’, *tua* ‘vinho de palmeira’, *dató* ‘nobre, ou qualquer pessoa de classe social prestigiada’, *bua* ‘substância para mascar’;
- Empréstimos do malaio e de Crioulos Portugueses asiáticos: *saugate* ‘dar’, *mainato* ‘empregado’, *surat* ‘documento, carta, papel’, *barlaque* ‘dote a ser pago no casamento’, *katuas* ‘velho, ancião’, *jambua* ‘toranja’;
- Mudanças semânticas próprias do PTL: *amo* ‘padre católico’, *morador* ‘milícia nativa, membro dessa milícia’, *topaz(es)* ‘mestiço, ou timorense assimilado a cultura portuguesa’, *serviço* ‘profissão, trabalho’, *estilo* ‘cerimônia tradicional de sacrifício de animais’, *colega* ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade’, *mestre* ‘professor de escola’, em oposição a *docente* ‘professor universitário’, *aluno(a)* ‘estudante em nível escolar’, em oposição a *estudante* ‘estudante universitário’, *valor* ‘resultado dos exames escolares’;

- Retenções quinhentistas: *carreta* ‘carro’, *formosura* ‘beleza’, *gentio* ‘timorense não praticante do catolicismo’, *açafate* ‘cesto arredondado e baixo’, *chumaço* ‘almofada, travesseiro’, *tacho* ‘tipo de frigideira chinesa’.

Desta maneira, nos documentos que serão analisados na próxima seção, verificar-se-á se as características linguísticas notórias do PTL já se encontravam quando o português foi transplantado para a ilha de Timor, o que torna esses traços linguísticos como uma continuidade de traços presentes em variedades reestruturadas do português asiático e/ou de variedades crioulas do português, ou caso não se encontrem as peculiaridades do PTL nos documentos, pode ser argumentado que estas são mudanças linguísticas exclusivas do PTL, enquanto este se desenvolveu na ilha.

3 O CORPUS ANALISADO

Os documentos a serem analisados aqui foram obtidos em dois arquivos diferentes, conforme já foi apontado anteriormente. O primeiro, foco principal do presente estudo, se encontra no *Arsip Nasional* (ANRI) ‘Arquivo Nacional’ em Jakarta, Indonésia, e está localizado na coleção *K.43 Timor*, na caixa 36. Trata-se de um livro onde está compilada uma série de contratos e cartas diplomáticas. Para a presente análise, selecionaram-se cinco cartas diplomáticas, datadas entre 1748-1750, que estão entre as páginas 30 e 40 do livro. O segundo consiste em uma série de cartas destinadas a *Vereenigde Oost-Indische Compagnie* (VOC) ‘Companhia Holandesa das Índias Orientais’, datadas entre os anos de 1735 a 1754, e fazem parte do arquivo *H 693* do acervo do *Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde* (KITLV ‘Instituto Real Holandês de Estudos do Sudeste Asiático e Caribe’), em Leiden, Holanda. Estas cartas, diferente das anteriores, não estão em boa conservação, faltando a parte final em algumas, em outras são mencionados documentos anexados, que não se encontram no arquivo, além de ora possuírem grafia ininteligível. O assunto discorrido nas cartas são os mesmos; relatórios de atividades em Timor enviados ao colonizador holandês, elaborados por timorenses, ou mestiços.

Toda a documentação original analisada neste artigo é manuscrita e foi gentilmente cedida ao presente autor pelo pesquisador Prof. Hans Hägerdal. A técnica de transcrição utilizada por ele não ficou clara, principalmente pelo fato de Hägerdal, falante nativo de sueco, ser um historiador e concentrar sua pesquisa na documentação holandesa, possuindo somente um conhecimento básico de língua portuguesa. Porém, o autor deste estudo teve acesso a transcrições e a versões digitalizadas dos manuscritos originais, podendo aplicar sempre que possível às transcrições já elaboradas as *Normas*

Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos, do Arquivo Nacional (Comissão de Sistematização e Redação do II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica, 1993).

Os fenômenos encontrados foram de diferentes ordens e serão analisados separadamente, juntamente com a apresentação de uma série de exemplos transcritos que ilustram cada um. Como o processo de transcrição dos manuscritos holandeses e indonésios ainda está em elaboração, assim como ainda há uma série de documentos portugueses a serem transcritos, a análise dos dados deste trabalho será de natureza qualitativa, sendo que o processo de quantificação, embora possa ser esclarecedor e apresentar diversas contribuições, não será abordado aqui, visto que se encontra em fase inicial. Desta maneira, o primeiro fenômeno analisado será a separação/junção, no nível ortográfico. Já no nível fonológico serão feitas algumas interpretações a respeito de estruturas arcaizantes e a realização das consoantes palatais. Serão apontadas certas peculiaridades do léxico empregado nos documentos analisados e, finalmente, no nível da morfossintaxe verificou-se: o uso de *já* como marcador de TAM (tempo, aspecto e modo), *sam* como cópula e a concordância variável de gênero e número no sintagma nominal.

- Separação e junção: separação consiste na escrita separada de elementos linguísticos que são grafados juntos e constituem somente uma unidade lexical ou gramatical na língua, porém são interpretados como duas ou mais unidades distintas. A junção é exatamente o oposto, quando duas unidades linguísticas distintas são interpretadas como uma única e, conseqüentemente, grafadas juntas. Esses dois fenômenos são comuns em manuscritos históricos e já foram muito estudados pela tradição filológica. Há exemplos de junção em (13), (15) e (18), *ade* ‘a de’, *eacim* ‘e assim’, *adonde* ‘a donde’ ou ‘a de onde’ e *egente* ‘e gente, e pessoas’, e de separação em (14) e (17), *primeiro mento* ‘primeiramente, inicialmente’ e *pelejar enos* ‘pelejaremos, lutaremos’. Ainda, o exemplo (16) apenas mostra a variação ortográfica no mesmo documento entre as formas *adonde* e *a donde*:

Pag. 30 Timor Amenoebang⁶

⁶A documentação localizada no *Arsip Nasional* (ANRI) ‘Arquivo Nacional’, coleção *K.43 Timor*, caixa 36, se encontra identificada de maneira sistemática da seguinte forma nos exemplos no decorrer do presente artigo: página em que está localizada, título (geralmente o nome do local em que foi redigida) e subtítulo (se houver).

- (13) (...) nos **ade** virar **eacim** como retirou a o real nos achamos chaminho logo nos sahimos da deste pedra com mil homens e for a das molhere e crianças (...)
- (14) (...) todos estas pelejou e matancia que ja sucede, **primeiro mento** ja sucede esta pelijou no tempo que corta sandole, (...)
- (15) (...) **adonde** fez grande matanças e depois de desta mantancia o Cabo da deste Real mandou hum carta (...)
- (16) (...) **a donde** respondemos nos pella mesma carte como nos pello medo dos inimigos que esta sercado pordiante e tras (...)

Pag. 35 Timor Amarassie (Estacao e Paicao aos Reis de Amarassi fez neste annos de 1750!)

- (17) (...) **pellejar enos** fortemente co eles.
- (18) (...) todas nossas Tumugoins **egente** de nosses juridicao (...)

- Estruturas arcaizantes: redução de ditongos e segmentos finais (*matou* > *matu*, *mim* > *my*); inserção de vogal epentética em posição de sílaba final (*rei* > *reize*, *reizes*; *cruz* > *cruse*); mudanças vocálicas esporádicas não condicionadas, que provavelmente são resquícios de variação dialetal do PE do século XVI (Bortoni-Ricardo, 2011: 79), como em *corocaõ* (< coração), *pardoas* (< perdoa); metátese (*levar* > *levarr*, *pertence* > *pretence*); epênteses em geral (*matança* > *matanças*, *depois* > *despois*); analogias, como a que se baseia principalmente na regra da vogal epentética, gerando formas como *nosse* (< nosso) e *verdadeire* (< verdadeiro). Ainda, segundo Naro e Scherre (2007: 122), muitos desses traços analisados existem no português europeu não padrão e, provavelmente, se encontravam no português que foi inserido no Brasil. Da mesma maneira, expande-se aqui tal análise, argumentando-se que há a possibilidade de variedades não padrão do português europeu terem também sido inseridas na África e na Ásia, já que essas características existem até a atualidade em variedades mais isoladas, conforme atesta Bortoni-Ricardo (2011) em seu estudo de dialetos rurais no Brasil, assim como em crioulos e variedades reestruturadas da língua portuguesa, como são mostrados nos dados do PTL.

Pag. 35 Timor Amarassie (Estacao e Paicao aos Reis de Amarassi fez neste annos de 1750!)

- (19) (...) todas as **prudutos** que se achaõ nosso reino com tota nossa **corocaõ** limpo e **verdadeira** no poder do senhor nobre companhia que foij timado com forças de suas armas so p. nos **levrar** nossa vida e **pardoas** a nossa culpas para nos sempre **ficamos** obrigado no servico do senhor nobre Compangia como seu minimo vassallo no baião de bandeira de Compangina para a boa conserracaõ de senhor nobre companhia e **nosse** cora com sua favor e ajuda e gracias etc.

Timor Amanatta (Estacao e Paicao de Amanattun Tunuama com todos meus Tumugoins e gentes hoje annos de 1750)

- (20) Prostatam os nos todos reis e tumugoins Amanatun que primeira tempo nos somos vassallo de Tupas por estar nosso irmao Amanubaõ; e mais **reizes** no seu poder e que eu tambem ficon mais como agora o Amenubao e outros **reizes** ja esta neste Cupaõ no sombra de senhor Companhia e qui nos tambem quer vir buscar o mesmo; mas o Tupas com forca pegou anos e **matu** muitas gentes nosso para nos virmos com od.e tupas para **pellojar** com sinco reis de Cupaõ e que braz a fortalleza de Companhia a donde com sua forca nos vimos com a real de Tupas, e vimos pellejando com grande forca tomou duas pouacoins de Cupaõ em pena fuij alij mesmo plantamos com ad. real pa virmos quebrar a fortalleja a donde sahio os sinco **reizes** de Cupaõ (...)
- (21) (...) e que matou o Tenentij de Tupas Gaspar de Costa com todos seus officiaes majores e pouos e nossa gente qui sim ficamos razo, e que nos Ameanatun es capou e fuzimos a nossa reino e com grande medo de senhor companhia e de sinco reis de matar todos nossa gente e **quibrar** a nosso reino.

Pag. 30 Timor Amenoebang

- (22) (...) **adonde** fez grande **matanças** e **despois** de desta **mantancia** o Cabo da deste Real mandou hum carta (...)
- (23) (...) **a donde** respondemos nos pella mesma carte como nos pello medo dos inimigos que esta sercado pordiante e tras (...)
- (24) (...) manda tera vida **despois** de aquille todo nos Reis da desta Amanoebaõ (...)

Carta d (25 de Junho 1758. D. Sebastião da Cunha filho de VM do obediente)⁷

- (25) (...) acem todos este gente **pretence** a **my** como Irma major niguem pode dizer q: não.

Carta g (Luis o dios do Roir.o. 28 de Majo de 1745)

- (26) (...) ostenpor q. não aver molesto algumas ep. não saber ler nê escrever pedi a caf.o do Roz.o q. fiz este p. **my** e mea siny de meu sinal huma **cruse** (...)

- Palatais: as consoantes palatais da língua portuguesa /ʒ, ʃ, ɲ, ɫ/ em diversas variedades reestruturadas e crioulas do português apresentam variação, sendo realizadas, geralmente, como seus correlatos alveolares [z, s, n, l] e em alguns casos como africadas [dʒ, tʃ]. Por meio da análise da grafia existente nos documentos, é possível constatar a existência dessa variação, já que certos lexemas são grafados de maneira diferente. Em (27) e (29), há as formas *fuzidos* e *fuzimos* que podem ser interpretadas foneticamente como [fu.'zi.dos] e [fu.'zi.mos], no lugar do Português Europeu /fu.'ʒi.doʃ/ e /fu.'ʒi.moʃ/, respectivamente. Em (30), é possível ver um caso análogo para a nasal /ɲ/ que é realizada como [n], de acordo com a grafia dos lexemas *senor* e *compania*, que eram possivelmente realizados como [se.'nor] e [kom.pa.'nya]. Ainda, em (28) e (30), a grafia do *j* em *fortalleja* provavelmente representa a africada [dʒ], que existe no malaio e em variedades asiáticas de crioulos portugueses, sendo interpretada como [for.ta.'le.dʒa]:

Pag. 33 Timor Amacone

- (27) (...) e que nos vemos **fuzidos** a esta companhia (...)

⁷As cartas do acervo do *Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde* (KITLV) 'Instituto Real Holandês de Estudos do Sudeste Asiático e Caribe', coleção H 693, estão identificadas apenas alfabeticamente de acordo com a ordem em que se encontram no acervo. Entre parênteses o presente autor apresenta apenas informações adicionais do remetente da carta, principalmente local, autor e ano.

Pag. 35 Timor Amarassie

Estacao e Paicao aos Reis de Amarassi fez neste annos de 1750!

(28) (...) e qui braz a **fortalleja** de Compania e nos a sietamos (...)

(29) (...) **fuzimos** a nossa reino (...)

Timor Amanatta (Estacao e Paicao de Amanattun Tunuama com todos meus Tumugoins e gentes hoje annos de 1750)

(30) Prostatam os nos todos reis e tumugoins Amanatun que primeira tempo nos somos vassallo de Tupas por estar nosso irmao Amanubaõ; e mais reizes no seu poder e que eu tambem ficon mais como agora o Amenubao e outros reizes ja esta neste Cupaõ no sombra de **senor Compania** e qui nos tambem quer vir buscar o mesmo; mas o Tupas com forca pegou anos e matu muitas gentes nosso para nos virmos com od.e tupas para pellojar com sinco reis de Cupaõ e que braz a fortalleza de **Compania** a donde com sua forca nos vimos com a real de Tupas, e vimos pellejando com grande forca tomou duas pouacoins de Cupaõ em pena fuij alij mesmo plantamos com ad. real p.a virmos quebrar a **fortalleja** a donde sahio os sinco reizes de Cupaõ (...)

- Léxico: o léxico das variedades reestruturadas locais do português acabou por apresentar certos elementos das línguas nativas, sendo alguns casos apenas influências efêmeras na formação das diferentes variedades da língua, porém outros foram incorporados e usados até os dias de hoje. Ainda, certos vocábulos lusófonos são empregues com um significado diferente, apresentado mudanças semânticas típicas do PTL (Albuquerque, 2011b, 2012c). Nos exemplos (32) e (33), há vocábulos lusófonos que sofreram mudança semântica, *nobre companhia* e *senor companhia* estão se referindo à ‘Companhia Holandesa das Índias Orientais’, em holandês *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*, ou simplesmente VOC, e *portugues preto* vem também por influência holandesa, do termo holandês *Swarte Portugeezen* ‘português preto’, para se referir a mestiços portugueses. Nos demais casos, há lexemas nativos emprestados à variedade local do português, como: *tumugoins* (< Malaio *temonggong*) ‘comandante nativo’, *tupas* (< Hindi *topi* ‘chapéu’, via Indo-português *tupasses*, *topaz*) ‘nativos mestiços com ascendência portuguesa’, *datos* (< Tétum *datoo*) ‘chefe de vila, nobre nativo’, *muti sala* (< Tétum *mutin salak* ‘fruto branco de uma palmeira’) ‘cordão feito de pérolas de corais’ e *cora cora* (< Tétum *kora-kora* ‘canoa’) ‘objeto feito de metais preciosos’.

Pag. 33 Timor Amacone

- (31) (...) de Senh. **nobre Compania** como seguro vasallo de vosa senhoria.
 (32) (...) que nos ja faio de nsoa provençiao q. açim commo os **portuges preto** (...)

Pag. 35 Timor Amarassie (Estacao e Paicao aos Reis de Amarassi fez neste annos de 1750!)

- (33) (...) todas nossas **Tumugoins** egente de nosses juridicao (...)
 (34) (...) e matou a Tenente de **tupas** com toda suas officiaes e capitaens (...)

Timor Amanatta (Estacao e Paicao de Amanattun Tunuama com todos meus Tumugoins e gentes hoje annos de 1750)

- (35) Prostatam os nos todos reis e **tumugoins** Amanatun que primeira tempo nos somos vassallo de **Tupas** por estar nosso irmao Amanubaõ; e mais reizes no seu poder e que eu tambem ficon mais como agora o Amenubao e outros reizes ja esta neste Cupaõ no sombra de **senor Compania** e qui nos tambem quer vir buscar o mesmo; mas **o Tupas** com forza pegou anos e matu muitas gentes nosso para nos virmos com od.e tupas para pellojar com sinco reis de Cupaõ e que braz a fortalleza de Compania a donde com sua forza nos vimos com a real de Tupas, e vimos pellejando com grande forza tomou duas pouacoins de Cupaõ. em pena fuj alij mesmo plantamos com ad: real p:a virmos quebrar a fortalleja a donde sahio os sinco reizes de Cupaõ (...)

Carta b (Dile, Luis Antunes Melo 26 Sept. 1785. Official major de secretariata)

- (36) (...) as Coronel Rey de Suas e a todos os officiais superiors e inferiors **Datos, Tomegões** de ditto reino, e suas jurisdicoes (...)

Carta f (Luis da Costa, 1746)

- (37) (...) teẽ de dar o deveme Dõ Luis de Amanubãõ Nay Quapinissa tris ta pardaos procedito de dois fios de **mute salla** conprido e teẽ dez (...)

Carta h (9 do Mrco de mil setesentos sincoenta e sete. Fran: de Sampaio)

- (38) Listra casanto dos fatos q. esta com v.a de meu irmão Dom Miguel Tx:e:a q. faleceo e meu irmão Dom Miguel fila de dos este fal. tem av.o nyte a mil seta cento quarte (...):

- My fio de **muti sala** a saber dey fugador e hũ comprido
- Hũ **coracora** de prata trenta p.dos

- Uso de *já* como TAM: *já* sendo usado como marcador de ‘tempo passado’ e/ou de ‘aspecto perfectivo’ é uma marca que se propagou em uma série de variedades da língua portuguesa, podendo ser encontrada tanto em crioulos africanos, quanto em crioulos asiáticos. Em Ansaldo e Cardoso (2009), Baxter (1996), Ferraz (1987) e Holm (1989) uma série de características similares entre os crioulos portugueses asiáticos são apontadas, com destaque para o uso de *já*. Atualmente, no PTL *já* é usado com a mesma função e também foi encontrado nos documentos:

Pag. 30 Timor Amenoebang

- (39) (...) elles **ja** levantar hum grande falço pero nos Reis de Amanoebaõ qui todo nos quiere matar pera os Christiaõ (...)
- (40) (...) ellas **ja** manda pegar duas de nosa tommegom sem emquiri sabe cauza, por sem Resaõ (...)
- (41) (...) via nos **ja** levantar saio de nossa lugar (...)
- (42) Todo nos Reis de Amanoebaõ: que **ja** chega aqui na Coepaõ sam esta D. Micquel Fernandi da Consençaõ (...)
- (43) (...) todos estas pelejou e matancia que **ja** sucede, primeiro mento **ja** sucede esta pelijou no tempo que corta sandole, (...)

Pag. 33 Timor Amacone

- (44) E os que tem matado de minha juridicao sam 120 pessoas entres grandes, e pequenos, e os qui **ja** chega aqui na esta Coepang sam duas mil tresçento sinco homens de arma for a des molheres e crianças e o que inda tem na Amakono que nos nao sabe por cauza qui no **ja** foij expelhado.

- Cópula *sam*: o uso de *sam* como cópula é típico do Crioulo Português de Macau, conforme textos históricos desta variedade crioula podem comprovar (Ferreira, 1967, 1973, 1990). Por causa da grande migração de Macau para Timor, assim como a influência histórica daquela colônia sobre Timor, a capital de Timor foi fundada diretamente de Macau (Figueiredo 2004: 122), é possível afirmar que houve intenso contato linguístico em território leste-timorense, a ponto de que Doris (1907), em seu dicionário Tétum-Português, afirma existir a forma *sam* como cópula em língua Tétum⁸. Ainda, Lipsky (1999, 2002) encontra essa forma também nos crioulos portugueses do Golfo da Guiné e em outras variedades afrohispanicas.

Pag. 30 Timor Amenoebang

- (45) (...) o ermaõ de Caspar de Costa chama Pasqual de Costa ella **sam** tenentii de provencia (...)
- (46) Todo nos Reis de Amanoebaõ que ja chega aqui na Coepaõ **sam** esta D. Micquel Fernandi da Consençaõ (...)

Pag. 33 Timor Amacone

- (47) E os que tem matado de minha juridicao **sam** 120 pessoas entres grandes, e pequenos, e os qui ja chega aqui na esta Coepang **sam** duas mil tresçento sinco homens de arma for a des molheres e crianças e o que inda tem na Amakono que nos nao sabe por cauza qui no ja foij expelhado.
- Concordância variável: a concordância variável de gênero e número é, nos dias atuais, amplamente pesquisada nos mais diversos crioulos e também nas variedades reestruturadas do português. Nos manuscritos estudados foram encontrados diferentes exemplos de concordância variável, principalmente no sintagma nominal (SN), que seguem o mesmo padrão de variabilidade já analisado em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) para o português afro-brasileiro, português dos Tongas, os crioulos de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A seguir, há exemplos de concordância variável de gênero (48), (50), (52) e (53), e número (48), (49), (51), (52) e (53):

⁸A língua Tétum é de origem austronésia, sendo uma das línguas mais faladas na ilha de Timor, possuindo também um status de língua franca em grande parte do território leste-timorense.

Pag. 30 Timor Amenoebang

- (48) (...) nos ade virar eacim como retirou a o real nos achamos chaminho logo nos sahimos **da deste pedra** com mil homens e for a **das molhere e crianças** (...)
- (49) (...) **todos estas pelejou** e matancia que ja sucede, primeiro mento ja sucede esta pelijou no tempo que corta sandole, (...)
- (50) (...)hum Real em siquiviento de nos **no mesmo** pedra, (...)
- (51) (...) **das molhere** e crianças que vimos na esta companhia (...)

Timor Amanatta (Estacao e Paicao de Amanattun Tunuama com todos meus Tumugoins e gentes hoje annos de 1750)

- (52) (...) e que matou o Tenentij de Tupas Gaspar de Costa com todos seus officaes majores e pouos e nossa gente qui sim ficamos razo, e que nos Ameanatun es capou e fuzimos a **nossa reino** e com grande medo de senhor companhia e de sinco reis de matar **todos nossa gente** e quibrar a nosso reino.

Carta d (25 de Junho 1758. D. Sebastião da Cunha filho de VM d.o obediente)

- (53) (...) acem **todos este gente** pretence a my como Irma major niguem pode dizer q. não (...)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram analisados manuscritos históricos do século XVIII, enfocando as características notórias das variedades do português em uso na ilha de Timor. Com base nos estudos anteriores realizados sobre o PTL, citados no decorrer deste artigo, nas evidências encontradas nesses documentos e na análise efetuada aqui, é possível argumentar que o PTL surgiu em um período pouco anterior ao dos manuscritos estudados, por volta do final do século XVII, a partir de diferentes variedades reestruturadas do português faladas na Ásia.

Nesses documentos, localizados em arquivos holandeses e indonésios, conforme foi descrito anteriormente, foi verificada a presença de traços linguísticos que são comuns a diferentes variedades reestruturadas do português e a crioulos portugueses asiáticos. Os principais traços encontrados e analisados foram: a presença de vários fenômenos fonético-fonológicos arcaizantes; a

realização variável das consoantes palatais; peculiaridades do léxico, com a presença de empréstimos de línguas asiáticas; o uso de *já* como marcador de TAM; *sam* como cópula; a concordância variável no sintagma nominal. Digno de nota é que a maioria desses traços é encontrada no PTL, já que para esta variedade do português foi listada uma série de características, entre elas: a variação das palatais; restrições métricas que afetam o acento e a sílaba; concordância variável; redução do paradigma verbal; emprego variável da cópula; mudança da ordem canônica do português padrão [determinante-determinado] para [determinado-determinante] em construções com demonstrativos; presença de empréstimos das línguas nativas, do malaio e de crioulos portugueses asiáticos; mudanças semânticas específicas do PTL; retenções quinhentistas.

Assim, na formação do PTL, que provavelmente ocorreu no final do século XVII, como foi dito acima, a população nativa timorense teve acesso a diferentes *inputs* o que ocasionou traços peculiares de sua estrutura, são eles: português aprendido como L2 por diferentes povos asiáticos; variedades reestruturadas do português distintas, umas mais estáveis, outras instáveis, sendo semelhantes a pidgins em estágio inicial; variedades crioulas asiáticas; e, em menor quantidade, acesso a português europeu como L1, principalmente variedades não padrão. Estes traços foram apontados por Baxter (1996). Desta maneira, o *input* de português L1, além de ser mínimo, não foi de falantes da variedade padrão. Isso contribuiu para a formação de um crioulo em Timor, conhecido como Crioulo Português de Bidau (Baxter, 1990), e também para a formação de uma variedade reestruturada de português que apresenta diferentes graus de reestruturação, que Albuquerque (2010) analisa em um *continuum* com dois extremos, de um lado estão localizadas variantes próximas à norma europeia, enquanto no outro extremo se encontram variantes semelhantes a crioulos.

Desta maneira, a análise de outros manuscritos do século XVIII, juntamente com a pesquisa em busca de manuscritos que datam do século XVII, podem revelar mais características do PTL em sua origem e sobre sua formação, sendo possível mapear quais traços são compartilhados com variedades crioulas vizinhas, quais características se perderam e quais foram inovadoras durante o desenvolvimento desta variedade do português.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Davi B. 2010. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *ReVEL* 8 (15). 270-285.

ALBUQUERQUE, Davi B. 2011a. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia* 21 (1). 65-82.

ALBUQUERQUE, Davi B. 2011b. O elemento luso-timorense no português falado em Timor Leste. *ReVEL* 9 (17). 226-243.

ALBUQUERQUE, Davi B. 2012a. Esboço morfossintático do português de Timor-Leste. *Moderna Sprak* 106 (1). 1-10.

ALBUQUERQUE, Davi B. 2012b. *Alguns traços de Crioulos Portugueses Asiáticos no Português de Timor-Leste*. Comunicação apresentada ao VII Encontro da ABECS/ XIII Encontro da ACBLPE. São Paulo: USP.

ALBUQUERQUE, Davi B. 2012c. Especificidades do léxico do Português de Timor-Leste. *Papia* 22 (1). 201-223.

ANSALDO, Umberto; CARDOSO, Hugo. 2009. Introduction. *Journal of Portuguese Linguistics* 8 (2): 3-10.

BAXTER, Alan. 1990. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 5 (1). 1-38.

BAXTER, Alan. 1996. Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific rim. In Stephen A. Wurm, Peter Mühlhäusler & Darrel T. Tyron (ed.), *Atlas of Languages of Intercultural Communication in the Pacific, Asia, and the Americas*, vol. 2, 299-338. Berlin: Mouton de Gruyter.

BORTONI-RICARDO, Stella M. 2011. *Do campo para a cidade. Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola.

BOXER, Charles R. 1947. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut.

CARVALHO, Maria José. 2001. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor* 4. 20-36.

CARVALHO, Maria José. 2002/2003. Aspectos lexicais do português usado em Timor Leste. *Studies of Language and Cultures of East Timor* 5. 25-40.

CASTRO, Alberto O. 1996 [1943]. *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa: Edições Cotovia.

CASTRO, Affonso de. 1867 *As possessões Portuguezas na Oceania*. Lisboa: Imprensa Nacional.

COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO E REDAÇÃO DO II ENCONTRO NACIONAL DE NORMATIZAÇÃO PALEOGRÁFICA. 1993. *Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos*. São Paulo: Arquivo Nacional. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf>. Acesso: 22 Nov. 2012.

DORES, Raphael das. 1907. *Diccionario teto-português*. Lisboa: Imprensa Nacional.

FERRAZ, Luiz I. 1987. Portuguese creoles of West Africa and Asia. In: GILBERT, Glenn (ed.). *Pidgin and Creole languages: Essays in memory of John E. Reinecke*, 337-360. Honolulu: University of Hawaii Press.

FERREIRA, José dos Santos. 1967. *Macau sã assí*. Macau: Tipografia da Missão do Padroado.

FERREIRA, José dos Santos. 1973. *Qui-nova Chencho*. Macau: Missão do Padroado.

FERREIRA, José dos Santos. 1990. *Docí papiaçám di Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

FIGUEIREDO, Fernando A. 2004. *Timor. A presença portuguesa (1769-1945)*. Porto. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell.

HÄGERDAL, Hans. 2012. *Lords of the Land, Lord of the Seas. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800*. Leiden: KITVL Press.

HAYES, Bruce. 1980. *A Metrical Theory of Stress Rules*. Tese (Doutorado em Linguística), MIT, Massachusetts.

HAYES, Bruce. 1982. Extrametricality and English stress. *Linguistic Inquiry* 13. 227-276.

HOLM, John. 1989. *Pidgin and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.

LEITÃO, H. 1948. *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*. Lisboa: Tip. da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

LEITÃO, H. 1952. *Vinte e oito anos de história de Timor (1698 a 1725)*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

LIPSKI, John M. 1999. Evolución de los verbos copulativos en el español bozal. In: ZIMMERMANN, Klaus. (ed.). *Lenguas criollos de base lexical española y portuguesa*, 145-176. Frankfurt: Vervuert.

LIPSKI, John M. 2002. Génesis y evolución de la cópula en los criollos afro-ibéricos. In: MOÑINO, Yves; SCHWEGLER, Armin (eds.). *Palenque, Cartagena y Afro-Caribe: historia y lengua*, 65-101. Tübingen: Niemeyer.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EdUFBA, 2009.

MARQUES, A. H. Oliveira. 2001. *História dos portugueses no Extremo Oriente*. Vol. 2: Macau e Timor. O declínio do império. Lisboa: Fundação Oriente.

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta P. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

OLIVEIRA, Luna de. 1948. *Timor na história de Portugal*. vol. 1. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.

OLIVEIRA, Luna de. 1953. *Timor na história de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar.

ROEVER, Arend de. 2002. *De jacht op sandelhout. De VOC en de tweedeling van Timor in de zeventiende eeuw*. Zutphen: Walburg Pers.

SÁ, Artur B. 1949. *A planta de Cailaco 1727. Valioso documento para a história de Timor*. Lisboa: Agencia Geral das Colónias.

SÁ, Artur Basílio de (ed.). 1956. *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 4: (1568-1579). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar.

SÁ, Artur Basílio de. (ed.). 1958. *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente Insulíndia*. Vol. 5: (1580-1595). Lisboa: Agencia Geral do Ultramar.

SÁ, Artur B. 1961. *Textos em teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

SERRÃO, J.; MARQUES, A. H. Oliveira (eds). 2006. *Nova história da expansão portuguesa*. Vol. 5, 2: O império oriental 1660- 1820. Lisboa: Editorial Estampa.

THOMAZ, Luis Filipe. 1974. Timor: notas histórico-linguísticas. *Portugaliae Historica* 2. 167-300.

THOMAZ, Luis Filipe. 1976. O afluxo ao meio urbano no Timor Português. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*, 4 (1). 495-553.

THOMAZ, Luis Filipe. 1985. A língua portuguesa em Timor. In *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. 1, 313-319. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa.

THOMAZ, Luis Filipe. 2002. *Babel Loro Sa'e: o problema linguístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões.

VASCONCELOS, José L. 1970 [1901]. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*.
Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Recebido em: 04/12/2012

Aceito em: 05/03/2013
